



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

AMANDA BEATRIZ SANTOS ORELLANA

A TEOLOGIA ÀS AVESSAS EM CONTOS MACHADIANOS

João Pessoa

2020

AMANDA BEATRIZ SANTOS ORELLANA

A TEOLOGIA ÀS AVESSAS EM CONTOS MACHADIANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa, da Universidade
Federal Paraíba – UFPB, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Arturo Gouveia de
Araújo

João Pessoa

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O66t Orellana, Amanda Beatriz Santos.
A teologia às avessas em contos machadianos / Amanda
Beatriz Santos Orellana. - João Pessoa, 2020.
39 f.

Orientação: Arturo Gouveia de Araújo.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Machado de Assis; Realismo; Teologia. I. Araújo,
Arturo Gouveia de. II. Título.

UFPB/CCHLA

Autora: ORELLANA, Amanda Beatriz Santos.

Título: A TEOLOGIA ÀS AVESSAS EM CONTOS MACHADIANOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras – Língua Portuguesa, da Universidade
Federal Paraíba – UFPB, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Letras – Língua Portuguesa.

TCC defendido em: _____/_____/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo (DLCV/UFPB)
(Orientador)

Prof.^a. Dr.^a Ana Cristina Marinho Lúcio (DLCV/UFPB)
(Membro interno)

Prof. Dr. Rinaldo Nunes Fernandes (DLCV/PROLING/UFPB)
(Membro interno)

Prof.^a. Ma. Joyce Kelly Barros Henrique (DL/IFPB)
(Suplente)

João Pessoa

2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelas oportunidades e misericórdias derramadas diariamente. À minha mãe e ao meu pai, Ione e David Orellana, por todo apoio e por serem pessoas exemplares, por terem ensinado grandes valores e acreditarem no meu potencial como cidadã e profissional. A vocês, todo meu amor e respeito.

À minha irmã e seu esposo, Renata e Vinícius Magalhães, por toda torcida, apoio e incentivo em momentos decisivos da minha vida.

Aos meus familiares, que devido à distância e a grande quantidade de pessoas não posso listar, mas sabem que hoje sou uma pessoa realizada graças a torcida e confiança que depositaram em mim.

Aos meus eternos amigos, mais que especiais, Lucas Magalhães, Amanda Accioly, Ana Vitória, Rayana Queiroz, Vitória Lins e Kawane Medeiros, que foram os presentes que a vida me deu, sou extremamente grata por todo companheirismo, conselhos e suporte. Ao Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo, pela compreensão, orientação e ensinamentos ao longo da jornada acadêmica. Serei eternamente grata pelos conhecimentos adquiridos. À Prof^a. Dr^a. Suelidia Maria Calaça, pelo apoio indescritível no período da graduação, em especial, pelos anos no Cursinho Pré-Universitário PET/Conexões de Saberes, período de aprendizado e vivências únicas. Agradeço aos colegas, professores e alunos desse curso pelo carinho e troca de conhecimento.

Aos colegas da turma 2016.1 da graduação, pelos momentos incríveis de conhecimento e ajuda compartilhados.

RESUMO

O presente estudo visa explicar a teologia às avessas presente em contos de Machado de Assis. Verificamos como a religião e a demonstração do caráter humano são temas procedentes em contos machadianos, que descrevem uma narrativa crítica e social, tanto acerca da temática da religiosidade, de personagens sobre-humanos, quanto da condição humana. Esses temas são norteadores da compreensão de uma teologia contrária em “A Igreja do Diabo”, “Adão e Eva” e “O Sermão do Diabo”, obras que evidenciam o discurso, as promessas e uma cosmovisão adversa à religião judaico-cristã. Traçando e situando o sujeito e suas obras no movimento artístico e literário denominado Realismo, fundamentamo-nos na Teologia Fundamental, de René Latourelle e Rino Fisichella, e na Teoria da Carnavalização de Bakhtin. O objetivo é compreender como o narrador machadiano utiliza-se de artifícios e técnicas de produção literária para desconstruir doutrinas dogmáticas na literatura brasileira. Constatamos, portanto, que Machado relê as diversas faces do ser humano através do enfoque do mascaramento social e da construção de personagens complexos através de uma teologia contrária em seus excertos. Tais obras, que permanecem vivas e atemporais, evidenciam aspectos universais da natureza humana, objetivando, assim, fazer os seus leitores refletirem criticamente acerca da condição humana e como as relações sociais se desdobram em seu contexto histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Realismo; Teologia.

ABSTRACT

This study aims to explain the upside down theology presents in stories by Machado de Assis. We verified how religion and the human character demonstration are themes from Machado's tales, which describe a critical and social narrative about themes as religiosity, superhuman characters, as also human condition. These themes guide the understanding of a counter theology in “A Igreja do Diabo”, “Adão e Eva” and “O Sermão do Diabo”, works that show the discourse, the promises and a worldview that is adverse to the JudeoChristian religion. Tracing and situating the subject and his works in the artistic and literary movement called Realism, we are based on Fundamental Theology, by René Latourelle and Rino Fisichella, and on Bakhtin's Theory of Carnivalization. The objective is to understand how the Machado's narrator uses artifice and techniques of literary production to deconstruct dogmatic doctrines in Brazilian literature. We found, therefore, that Machado reread the varied faces of the human being through the focus of social masking and the construction of complex characters through an opposite theology in his excerpts. Such works, which remain alive and timeless, show universal aspects of human nature, thus aiming to make their readers reflect critically on the human condition and how social relations unfold in their historical context.

KEYWORDS: Machado de Assis; Realism; Theology.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----------|
| Quadro 1 - Ocorrências de valores invertidos | 17 |
| Quadro 2 - Conceituação de promessas, discurso e cosmovisão | 18 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 PROPOSIÇÃO DO TRABALHO | 10 |
| 1.1 Apresentação dos componentes | 10 |
| 1.2 Contextualização | 11 |
| 1.3 Mapeamento da Categoria | 15 |
| 1.4 Justificativas das escolhas | 19 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 21 |
| 3 ANÁLISE TEXTUAL | 27 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| REFERÊNCIAS | |

1 PROPOSIÇÃO DO TRABALHO

1.1 Apresentação dos Componentes

O presente estudo visa abordar a teologia às avessas presente nos contos “Adão e Eva”, “A Igreja do Diabo” e “O Sermão do Diabo”, de Machado de Assis¹. A religião e a demonstração do caráter humano são temas comuns entre essas três obras, apresentando uma narrativa irônica e crítica, tanto acerca da religião quanto do próprio personagem diabo e da condição humana. Dessa maneira, essa temática é norteadora para compreendermos a construção de uma teologia contrária, da imagem de Deus e do Diabo na literatura.

Traçando e situando o sujeito e suas obras, através de uma breve apresentação biográfica do autor e de um panorama sobre suas obras, pretende-se mostrar que ele possuía um apreço por questões concernentes à teologia, mas que se dá às avessas e se constitui na desconstrução de um Deus cristão. Nos fundamentaremos, portanto, em conceitos teóricos para analisarmos a representação de uma teologia oposta nas obras supracitadas, através de embasamentos da Teologia Fundamental², de René Latourelle e Rino Fisichella e da Teoria da Carnavalização, de Bakhtin³.

Devemos compreender também que o gênero que será trabalhado e analisado é o conto. Esse gênero textual possui um caráter peculiar, partindo de uma determinada noção de limite físico, em que o contista sente a necessidade de escolher e limitar acontecimentos que sejam significativos e que não valham por si, mas que sejam capazes de atuar no leitor, projetando o discernimento e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do que está inserido no conto. (CORTÁZAR, 2006).

¹ Machado de Assis é aclamado pela crítica por focar na face negativa do homem e da vida, propiciando em suas obras as nuances da natureza humana de maneira atemporal. Machado traz uma visão pessimista dos aspectos comuns à sociedade, em que o ser humano aparece em suas narrativas, muitas vezes, como um ser corrompido.

² O “Dicionário de Teologia Fundamental” tem como base o binômio revelação-fé. É uma obra que explana cerca de 223 verbetes sobre os conceitos de teologia, epistemologia, eclesialidade e liberdade, ciência e filosofia.

³ Teoria da Carnavalização criada pelo teórico russo Mikhail Bakhtin, é um tipo de processo de intertextualidade; para o autor, o carnaval é o *locus* (espaço) privilegiado da inversão. Logo, a carnavalização adere a uma visão vasta e popular de carnaval, se opondo ao que é sério e dogmático para uma determinada sociedade.

Para facilitar a explanação e o desenvolvimento dos argumentos aqui apresentados, esta análise será dividida em quatro momentos. Em um primeiro plano, explanaremos de maneira abrangente os componentes do estudo, como o *corpus*, a categoria analítica, a fundamentação teórica, a descrição do sujeito e de suas obras em análise, focando brevemente na história de vida do autor e o movimento literário em que as obras estão inseridas. Além disso, haverá a explicação acerca dos tipos de personagens, narradores e enredos. Em segundo plano, nos basearemos na Teologia Fundamental e seus princípios. Em seguida, haverá um conjunto de argumentos que justificará a escolha do *corpus* e da categoria analítica estudada; por fim, em um terceiro momento, tentar-se-á mostrar, de maneira crítica, a inversão de valores e dogmas da teologia nos contos machadianos. Ao término desse trabalho, nas considerações finais, reiteraremos a relevância das obras de Machado de Assis para a literatura brasileira.

É nessa perspectiva que este estudo visa analisar a construção de uma teologia contrária presente na literatura de Machado de Assis, mediante uma linguagem carregada de significados e vasta de possibilidades de leitura. Em suma, essa introdução possui a intenção de resumir sucintamente os capítulos do trabalho, citando igualmente algumas escolhas teóricas e analíticas.

1.2 Contextualização

Apresentaremos agora uma breve descrição do autor das obras. Machado de Assis atuou no ofício de jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Em narrativas, como em romances, crônicas e, principalmente, em contos, o escritor destacou-se com as obras: *Contos fluminenses (1870)* e *Histórias da meia-noite (1873)*; *Contos e crônicas (1958)*; *Contos esparsos (1956)*; *Contos esquecidos (1956)*; *Contos recolhidos (1956)*; *Contos avulsos (1956)*; *Contos sem data (1956)* (2010). Machado foi um dos fundadores e presidente da Academia Brasileira de Letras e, ao longo de mais de cinquenta anos de trajetória literária, colaborou também em inúmeras revistas e jornais.

É no Realismo que Machado de Assis ingressa na grande fase das obras-primas, que o tornaram consagrado nas letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura em língua portuguesa. Embora Machado de Assis seja classificado como um autor realista, seu estilo é bastante singular e suas obras dialogam tanto com Romantismo quanto com o Realismo. Tal corrente estético-literária desenvolveu-se na segunda metade

do século XIX na Europa, em 1857, a partir da publicação de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, cuja obra tematiza o adultério feminino e questiona o casamento, visto como uma instituição burguesa. (AMARAL, 2018).

O processo de passagem do Romantismo ao Realismo tem como propostas o emprego da racionalidade e objetividade, procurando retratar a vida contemporânea, no caso, a sociedade burguesa e seus valores, criticando-a e mostrando suas singularidades. Podemos apreender que a escola realista domina tanto as artes plásticas (pintura e escultura) quanto a literatura. Logo, o Realismo no Brasil é engajado no compromisso com a grande reviravolta política, social, econômica e cultural da época: o movimento abolicionista e a passagem do império para república.

Ao longo da segunda metade do século XIX, a estrutura socioeconômica brasileira estava baseada no latifúndio, na monocultura de exportação e na mão de obra escrava. Por causa das fortes pressões rumo à modernização, essa situação entrou em crise.

As classes médias urbanas, provenientes de cidades concentradoras de fábricas, amplia mentalidade da nação, propiciando a entrada de ideias liberais, abolicionistas e republicanas. É no período de 1870 que um conjunto de fatos intensifica o movimento de luta contra as tradições monárquicas e oligárquicas: o tráfico negreiro é proibido e há o aumento da mão de obra imigrante.

Esse contexto, que vai de 1870 a 1890, favorece a entrada no país do pensamento europeu, centrado na filosofia positivista e no evolucionismo. Percebemos, então, que o período que o Realismo se manifesta, mostra conflitos básicos de um país em divisão: por um lado o Brasil que acolhe ideias liberais e republicanas, por outro, um território que convive com uma estrutura oligárquica, agrária, coronelista e latifundiária. (AMARAL, 2018).

Em 1881, inicia-se o Realismo na literatura brasileira, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, contendo uma característica predominante: o triunfo da observação da realidade. O realismo machadiano contempla uma visão dos valores morais, e por isso pode ser considerada pessimista, além de utilizar uma linguagem repleta de ambivalências e ambiguidades das contradições sociais.

Em vista disso, podemos apreender que algumas das características literárias de Machado de Assis consistem em enredos não lineares, uso da metalinguagem, análise psicológica dos personagens, ironia, além do humor sutil e permanente.

É dessa forma que adentramos nas sutilezas dos contos escritos por Machado e entendemos que sua maneira de expressar a realidade é repleta de significados e procedimentos, tornando sua narrativa atemporal e viva até os dias atuais. Machado de Assis observa temáticas, como a realidade sócio-histórica, política e econômica brasileira, e as assimila não somente de forma narrada ou descrita, mas incorporadas à própria escritura da narrativa, utilizando inúmeros recursos estilísticos, os quais representam, mimetizam e interpretam a realidade da época.

Algo constatável é a existência de uma tendência crítica a associar à obra e a vida do autor, afirma Proença (2017). Dessa maneira, a religião retratada nas obras refletiria diretamente as convicções pessoais de Machado. Devemos nos precaver contra esse ponto de vista sem, todavia, negar a possibilidade de que haja vínculos entre tais dimensões, pois interessa, neste estudo, a projeção ficcional que a religião recebe nos escritos machadianos e seus desdobramentos.

No que diz respeito à Bíblia, devemos compreendê-la como uma fonte do monoteísmo judaico-cristão, contemplando tanto o seu valor religioso quanto seu papel de fonte literária para Machado. Sabemos que, como patrimônio cultural-literário religioso da humanidade, ela é também inspiração a diversas tradições e é utilizada como objeto de estudo em pesquisas de vários campos das ciências humanas. Devemos compreender, também, que a Teologia, por sua vez, reivindica para si o estatuto de ciência, sendo racional e tendo uma metodologia de estudo.

Através de tais considerações expostas, percebemos que a religião é uma temática muito desenvolvida pelas mãos do escritor em análise. Observaremos agora alguns excertos machadianos, em que de alguma forma, a religiosidade perpassa sua literatura nos diversos gêneros escritos pelo o autor.

Nas obras machadianas, confundem-se as fronteiras entre o bem e o mal e, para exemplificar isso, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) indica que o vício pode passar a ser fonte de virtude. Brás Cubas compra a cumplicidade de dona Plácida, mulher pobre, com os cinco contos de réis que tinha achado; é a partir disso que: “se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã” (ASSIS, 2008, p. 701).

Uma outra ocorrência significativa é a festa do Santíssimo, em *Dom Casmurro* (1899), que serve de disputas entre José Dias e Pádua, pai de Capitu; o agregado reivindica para si e para Bentinho o papel de maior prestígio: carregar o pálido, uma vez

que “A distinção especial do púlpito vinha de cobrir o vigário e o sacramento; para tocha qualquer pessoa servia” (ASSIS, 2008, p. 962).

Adentrando no gênero conto, observamos em "Missa do Galo", publicado originalmente em 1893, que embora o conto trate, de alguma forma, o tema do adultério (não só de Meneses com a amante, mas também de Conceição com Nogueira), na realidade, o único contato físico entre ambos foi um leve toque no ombro. Dessa maneira, não houve concretização do desejo que sentiam um pelo outro. O que devemos levar em consideração não é apenas o que aconteceu, mas também o que poderia ter acontecido.

Em “Uns Braços” , “O Relógio de Ouro” e “A Cartomante”, assim como em passagens de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado lança a temática do adultério feminino, ora de forma sutil ora de forma explícita, se tornando um dos principais tópicos a ser discutido em obras machadianas no seu Realismo em ascensão.

Dado o exposto, Machado de Assis, através de seu estilo bastante peculiar, contrapõe o sagrado e o profano, vontade e proibição, desejo carnal e compromisso moral de forma aprimorada, tornando os textos machadianos de temática aparentemente simples (duas pessoas conversando, durante a noite, por exemplo) em uma narrativa repleta de simbologias e significados.

É nas nuances do texto, que refletimos como a religião está inserida nos detalhes e nos revela questões importantes acerca da sociedade e do ser humano, pois o espaço da narrativa é a noite de Natal e Nogueira resolve ficar na Corte para ir à missa do galo; Conceição, de início, é ilustrada como uma “santa”. Incomodou-se com a existência da amante, mas “resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito”. (ASSIS, 1899, p. 78). Tinha um comportamento moderado; no capítulo em questão, é caracterizada como maometana: “aceitaria um harém, com as aparências salvas”. (ASSIS, 1899, p. 78).

Em suma, a religião é um tema de grande expressão em Machado; os personagens e as práticas religiosas são retratadas em sua ficção, não traçando compromissos com os princípios confessionais e teológicos, mas objetivando mostrar a realidade, subvertendo ou não os princípios estabelecidos, para gerar, então, reflexão e compreensão acerca do cenário social e do caráter humano.

1.3 Mapeamento da categoria

Destacaremos as semelhanças, como também as diferenças, na construção moral e pictórica das passagens machadianas e como a teologia aparece nas obras em análise, visando observar que Machado de Assis utiliza de artifícios do aproveitamento dos arquétipos (modelo, protótipo) (2010), de seres criados. Tais modelos pertencem ao patrimônio comum a toda a humanidade, remontando, assim, à tradição clássica e aos textos bíblicos.

O conto “A igreja do Diabo” se encontra no livro *Histórias Sem Data*, lançado em 1884, e é uma prova de que a habilidade do autor não se limita a seus grandes romances. Lançado três anos depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, este quarto livro de contos tem todos os componentes que fazem de Machado de Assis um contista modelar através das obras: *A Igreja do Diabo*, *O Lapso*, *Último capítulo*, *Cantiga de Esponsais*, *Singular Ocorrência*, *Galeria Póstuma*, *Capítulo de Chapéus*, *Conto Alexandrino*, *Primas da Sapucaia*, *Uma Senhora*, *Anedota Pecuniária*, *Fulano*, *A segunda vida*, *Noite de Almirante*, *Manuscrito de um Sacristão*, *Ex-Cathedra*, *A Senhora do Galvão*, *As Academias de Sião*.

“A Igreja do Diabo” conta com dois personagens principais, Deus e o Diabo, focados de forma cômica a relação Deus e religião, homem e razão. Traz à tona a discussão de como cada pessoa pode exercer a religiosidade, ou mesmo de duvidar da eficácia da benevolência do homem. É ao desenrolar do enredo que o Diabo questiona a hipocrisia religiosa e as práticas salvacionistas.

Observamos, também, o conto denominado “O Sermão do Diabo”, publicado em *Páginas Recolhidas*, em 1892. O autor se inspira deliberadamente nos capítulos cinco, seis e sete do Evangelho de São Mateus, que abrangem “O Sermão da Montanha”. Esse texto mostra uma lógica antidivina e a propaganda de doutrina de valores diabólicos, desclassificando o discurso da igreja e exaltando os pecados através de um discurso do Diabo, o qual tenta eliminar a influência divina sobre os homens. Em seu sermão, o Diabo trabalha com a semelhança por intermédio da diferença, pois a retórica é semelhante à do Evangelho, contudo é diferente, por ser contrária ao que é proposto pelo discurso cristão.

Assim sendo, a Bíblia consiste na soma de experiências e dos encontros que pessoas no Antigo e no Novo Testamento tiveram com Deus. É nessa perspectiva que surge a possibilidade de analisar o conto “Adão e Eva”, de Machado de Assis, recolhido

no volume *Várias histórias* (1896). A obra enfatiza os personagens bíblicos e expressões religiosas. Somente neste conto, podemos mencionar o paraíso terrestre, o Pentateuco, as Escrituras, Deus, Tinhoso, Adão e Eva, Bem e Mal, Maria de Nazaré e o Anjo Gabriel.

O enredo do conto é uma conversa entre vários convidados que aguardam uma sobremesa. A narração ocorre em “mil setecentos e tantos” e alguns dos personagens são: juiz-de-fora (Sr. Veloso); Frei Bento, carmelita; o mestre-de-campo João Barbosa; dona Leonor e senhoras.

Ao longo da narrativa, o juiz-de-fora, afirma que o pentateuco é apócrifo (obra atribuída a um autor cuja autoria não se pode provar) e que ele conhece o verdadeiro criador, dizendo: “(...) Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo...” (ASSIS, 1997, p. 525). Apreendemos que o Tinhoso criou o mundo e que Deus teve a função de “corrigir ou atenuar a obra”.

Percebemos que, se o Diabo cria as trevas, Deus, portanto, cria a luz. Nasceram as tempestades e os furacões, mas se contrapôs a isso com sopros leves da tarde; nascem os vegetais, sem fruto e sem flor, talvez espinhosos, e Deus cria as árvores frutíferas e os vegetais. O Tinhoso cria abismos e cavernas e Deus faz o sol, a lua e as estrelas; também surgem os animais (da terra, da água e do ar). Por fim, no sexto dia, o Diabo cria o homem e a mulher, sem alma.

Deus, então atribui uma alma e sentimentos bons. O casal é levado ao jardim do Éden, sendo proibidos de comer o fruto da árvore do Bem e do Mal. O Tinhoso ordena à serpente que convencesse o casal a comer do fruto proibido, contudo, quando a serpente enumera para Eva as vantagens que eles ganhariam se comessem o fruto, ambos recusam a oferta.

Deus, a fim de recompensar o casal pela sua conduta, envia o anjo Gabriel para levá-los ao Paraíso. É ao término da narração, que todos os personagens se entreolham e o Sr. Veloso, após ser perguntado se o que ele acabara de afirmar era verdadeiro, responde que nada havia acontecido e que, se tivesse ocorrido, eles nunca estariam saboreando o tal doce.

Nos textos supracitados, tem-se a visão dos múltiplos aspectos do caráter do Diabo e o avesso do sacro, o profano, capaz de fazer a sociedade se transformar pelo poder de subversão e transgressão.

De forma semelhante, tais narrações têm como objetivo mostrar o Diabo pregando valores invertidos ao cristianismo por meio de promessas, discursos e cosmovisão.

Observemos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Ocorrências de valores invertidos

| OBRAS MACHADIANAS | OCORRÊNCIAS |
|------------------------------|---|
| A IGREJA DO DIABO | “Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a coagula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas”. (ASSIS,1997, p. 371). |
| O SERMÃO DO DIABO | " E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e depois de ter sentado, vieram a ele os seus discípulos. E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes" (ASSIS,1997, p. 647). |
| ADÃO E EVA | “(…) Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício.”. (ASSIS, 1997, p. 525). |

Apreendamos, primeiramente, os conceitos de promessas, discursos e cosmovisão, a fim de se tornar mais nítido como tais aspectos são subvertidos nos contos analisados no próximo capítulo, observemos:

Quadro 2 – Conceituação de promessas, discurso e cosmovisão

| | |
|--------------------------|---|
| <p>PROMESSAS</p> | <p>Segundo o teólogo Antônio Mesquita Galvão (2011), os evangelhos são repletos de promessas que Jesus fez àqueles que seguem os seus passos. A palavra promessa, do grego <i>yposchésis</i>, aparece algumas vezes nos Evangelhos e, em muitos textos, junto com o verbete <i>dórima</i>, com o sentido de uma recompensa. Dessa maneira, os cristãos creem, sem duvidar, da veracidade das promessas de Jesus, pois a fé induz a essa certeza. O Diabo, então, faz o mesmo, porém com um discurso de conteúdo controverso, prometendo aos seus discípulos todos os prazeres terrenos.</p> |
| <p>DISCURSO</p> | <p>No que concerne ao discurso, Bakhtin e Volochinov (1992) afirmam que toda palavra é ideológica. A língua não pode ser constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, tornando-se incoerente falar da enunciação monológica isolada. Percebemos que a palavra é produto ideológico vivo, capaz de funcionar em qualquer situação social. Constatamos, portanto, que a palavra “sermão” vem do latim <i>sermo</i>, que significa conversação. O gênero sermão, muito utilizado no Antigo Testamento, sendo falado ou escrito, é um discurso religioso com finalidade didática, exegética ou moralizadora (2013). O Diabo utiliza da mesma estratégia linguística e enunciativa, distorcendo apenas o conteúdo do sermão, com a mesma finalidade de um sermão cristão.</p> |
| <p>COSMOVISÃO</p> | <p>A cosmovisão, do grego <i>Kosmos</i> (mundo/universo)/ - é a maneira subjetiva de compreender e ver o mundo, levando em consideração as relações humanas e questões filosóficas, visto que o vocábulo “visão”, segundo Houaiss (2010), possui três significados, sendo o mais adequado para esse assunto: “ponto de vista”. Dessa maneira, tratando-se de uma cosmovisão cristã (ponto de vista cristão), percebemos um conjunto de aspectos filosóficos e religiosos que caracterizam o Cristianismo em relação à natureza da verdade, à existência do homem, o sentido atribuído ao universo e à vida, além dos problemas de ordem social, por exemplo. Portanto, nesse trecho,</p> |

| | |
|--|---|
| | observamos uma cosmovisão (visão de mundo individual), que se contrapõe à história judaico-cristã, invertendo os papéis de Deus e do Diabo. |
|--|---|

1.4 Justificativas das escolhas

Dentre das muitas qualidades que a crítica já apontou sobre a obra ficcional de Machado de Assis, uma das mais estudadas se refere à sua reconhecida capacidade de provocar e estimular os leitores através de uma combinação entre riso e melancolia, narrativas atravessadas por digressões, e por utilizar ironia sarcástica e corrosiva.

As obras machadianas já foram estudadas de muitos modos, tanto de um ponto de vista psicológico e filosófico, quanto de um ponto de vista histórico e social. O objetivo deste estudo é enfatizar o aspecto construtivo empregado na teologia às avessas presente nas narrativas.

A perspectiva utilizada neste estudo consiste em fundamentos tanto teológicos quanto estéticos. Machado apresenta em seus romances, assim como nos contos, o princípio essencial de composição segundo o qual a subjetividade dos personagens se desenvolve a partir de um fundamento complexo marcado pela ambiguidade, o conflito e o paradoxo.

No conto “Adão e Eva”, invertendo o sagrado, Machado de Assis coloca um episódio bíblico em um contexto que detalha a sublime resistência do primeiro casal terreno aos ardis da serpente, enviada pelo Tinhoso, submetendo claramente o primeiro livro do pentateuco a uma paródia. Apesar de Machado de Assis inverter a ordem estabelecida, ele o faz através do elemento cômico, como as familiaridades com Eva: “Eva apareceu daí a pouco, caminhando sozinha, esbelta, com a segurança de uma rainha que sabe que ninguém lhe arrancará a coroa”. É dessa forma que, com total liberdade, Machado introduz o fato bíblico no imaginário do leitor, sem se importar com a veracidade estabelecida, pois nossas reflexões teológicas (e, por extensão, a condição humana), são estimuladas pela carnavalização, pela paródia e pela sátira menipeia.

No conto “A Igreja do Diabo”, observamos o Diabo tentando fundar sua igreja e consolidar seus dogmas na terra, fazendo disso uma verdadeira religião. Percebemos, portanto, que esse personagem é retratado de maneira extremamente crítica, e propõe

uma doutrina muito semelhante à de Deus; a diferença consiste em uma profunda negação de tais valores e preceitos.

No que concerne ao conto “O Sermão do Diabo”, a racionalidade retórica machadiana pensa filosoficamente alguns conceitos pertencentes à sociedade do fim do século XIX. No manuscrito do Diabo, desenvolvem-se camadas ontológicas em planos distintos, sobretudo em relação à economia e à política, subjacentes nos pecados e na própria doutrina. Valores universais estão presentes no discurso machadiano e não consistem em ser uma simples técnica de retórica persuasiva, pois estão relacionados à poética, à ética, à política e à metafísica. Assim, Machado de Assis aponta para os seus leitores o que abrange tanto o mundo externo quanto o íntimo.

Para fundamentarmos a tese de que existe uma teologia às avessas nos contos machadianos, utilizaremos a Teologia Fundamental, a qual nos dará subsídio para adentrarmos nas bases do cristianismo e seus conceitos primordiais, para que, assim, haja um efeito de comparação e observação dos valores abordados nas obras.

Além de utilizarmos da teologia como base teórica, usaremos a Teoria da Carnavalização de Bakhtin. A causa principal do espanto provocado no leitor reside na inversão que Machado de Assis realiza através da ironia (deslocamento de sentido). Aliado a tal afastamento, temos o elemento sério-cômico (BAKHTIN *apud* OLIVEIRA, 2000), que faz parte da sátira menipeia.

Para iniciarmos brevemente as discussões, faz-se necessário compreender a inversão do mundo sério e oficial (nos contos, a doutrina da Igreja Católica). Assim sendo, a imagem e a palavra mostram a realidade diferente do que os discursos oficiais apregoam. Com isso, Machado de Assis revê a racionalidade, o dogmatismo e a seriedade. Não nos limitemos, então, a ver no conto uma transgressão ao convencional, ao estabelecido. Apreendemos que o escritor sugere que devemos desconfiar das coisas estabelecidas, categorizadas, estipuladas, como verdade única.

Invertendo o sagrado, Machado de Assis colocou o episódio bíblico em um contexto em que o Mal, que sempre nos aflige, é escolha nossa. Não temos a quem culpar, já que, aparentemente e num primeiro momento, o “bode expiatório”, o primeiro casal, obedeceu a Deus. (FUCHIGAMI, 2017).

O sagrado (Gênesis) se mistura ao profano (doce de Itapagibe; almoço; fala do Frei Bento: “Eu, senhora minha, toco viola, respondeu sorrindo; e não mentia, porque era insigne na viola e na harpa, não menos que na teologia”). Nesse trecho, o Frei Bento diz

ser notável por sua habilidade nos instrumentos musicais (arpa relacionada ao sagrado/angelical), contudo, não tão habilidoso quanto no que concerne à sua sabedoria teológica.

Com total liberdade, Machado de Assis reinterpreta o fato bíblico, com o objetivo de questionar a veracidade estabelecida, uma vez que “foi o Diabo que criou o mundo”, coube a Deus somente o papel de corrigir ou atenuar a obra.

Portanto, o autor, além de desconstruir todo um imaginário que a instituição oficial transmitiu, nos faz refletir sobre um tema com o qual o ser humano sempre se deparou e para o qual nunca encontrou uma resposta que esgotasse o assunto: o Mal. Em suma, esses foram os aspectos e as colocações que motivaram a escolha de tais obras para a presente análise, a fim de legitimar a importância de tal estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teologia implica-se por ser uma área do conhecimento, a qual estuda criticamente a natureza do divino, suas características e a relação com a humanidade. Contudo, faz-se necessário salientar que as compreensões do conceito de Teologia no decorrer da história não foram sempre as mesmas, isto é, “a teologia passou por uma constante evolução em sua tentativa de autodefinir-se” (1994, p. 931). A procedência do termo “theología”/ “theologéin” é de origem não cristã, visto que as primeiras fontes reveladas são as que ligam a “theología” ao mito.

Certamente, existem muitas maneiras de compreender a criação do mundo, pois isso dependerá da posição do sujeito social diante do objeto do conhecimento. Assim, a mitologia, a religião e a ciência são formas de adentrar nesse assunto, sendo caracterizados como tipos do conhecimento, assim como o senso comum, a filosofia e a arte. Todos esses modos têm o objetivo de conhecer os segredos e mistérios do mundo, explicando-os e atribuindo-lhes um sentido. Nas religiões monoteístas, por exemplo, as mitologias do tipo teogonia são geralmente repudiadas como casos de ateísmo ou politeísmo, pois representariam uma desvirtuação do Deus transcendente. Entretanto, essas mesmas religiões também recorrem a descrições fantásticas, com simbologias, para explicar a origem do mundo e do pecado.

Apreendemos, então, que a mensagem religiosa exigirá determinado comportamento perante um Deus, o sagrado e os homens, e é, muitas vezes, formulada de forma compatível com conceitos racionais e doutrinas sistematizadas. Já o mito abrange uma maior amplitude em seu conteúdo, visto que engloba temáticas antropológicas, conteúdos religiosos, pré-científicos, tribais, folclóricos e anedóticos, os quais são aceitos e formulados de modo menos consciente e deliberado, sem considerações críticas.

Destarte, o mito consiste em uma linguagem apropriada para a religião. Isso não significa que ambos contêm uma história de viés falso, mas que traduzem em uma linguagem plástica (descrições e narrações, formas de expressões através de técnicas de produção⁴), uma realidade que transcende o senso comum e a racionalidade humana e que, portanto, não se encaixa em meros conceitos abstratos.

Entendendo essa diferenciação, podemos compreender como o vocábulo “teologia” tomou forma ao longo dos tempos e firmou-se como estudo sobre Deus, sua natureza, seus atributos e suas relações com o homem e o universo.

É assim, então, que a teologia existente em Machado suscita interesse quanto ao papel desempenhado por Deus e pelo Diabo, pois se trata de figuras que ocupam importantes lugares no sistema da fé. Além disso, a religião é representada de forma diversa em seus escritos; uma das conjunturas mais recorrentes consiste no Diabo, sendo o antagonista de Deus, concentrando tudo o que é negativo e maldoso, sendo responsabilizado pelas dores e pelos sofrimentos que os humanos experienciam.

Dessa forma, o povo Estoico foi um dos primeiros a utilizar tal termo com uma conotação religiosa, ao passo que o uso cristão do termo se deu a partir de Clemente de Alexandria, Eusébio, Dionísio, dentre outros. Para o Ocidente, então, fora Santo Agostinho de Hipona que inseriu veementemente o uso religioso do vocábulo na cultura e na linguagem comum; ainda nessa perspectiva, Anselmo de Cantuária cria o princípio “quarto intelligere ut credam sed credo ut intelligam”, que significa “procuro entender para ver, mas creio para entender”. (1994, p. 932).

O que se observa é uma compreensão teológica relacionável e adaptável de acordo com as diferentes épocas históricas, estabelecendo uma característica determinante do

⁴ Técnicas de produção: São procedimentos que visam construir imagens e formas que revelem uma concepção artística e estética em determinado meio, tais quais: desenho, pintura, escultura, escrita, entre outros.

saber teológico: a historicidade da reflexão da fé, a qual mantém a pergunta sobre a inteligibilidade do mistério em encontrar uma resposta que esteja de acordo com o saber humano.

No que diz respeito à Bíblia, pelo fato de ser fonte de religiões monoteístas, supõe-se a contemplação de seu valor religioso, constatando que a própria religião, a qual sanciona o valor canônico das Escrituras, aparece na Teologia reivindicando para si o estatuto de ciência: sendo racional, tendo método e objeto de estudo: a Bíblia, julgada como principal fonte de conhecimento, é entendida como uma revelação e como a própria palavra de Deus. Alguns segmentos associam à Bíblia a ideia de inerrância: as Escrituras não contêm erros, por serem literalmente inspiradas por Deus (PROENÇA, 2012, p. 3334).

Em suma, a teologia procura autocompreender-se à luz da do entendimento humano, resultando, portanto, em um paradoxo, contrariando os princípios básicos e norteadores da teologia cristã. Em passagens bíblicas, observa-se o temor existente para com Deus: “Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus.” (Êxodo 3:6); e os mistérios que circundam a criação da terra: “Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.” (Hebreus 11:3).

Além de tais colocações, observamos que as escrituras não somente revelam a existência do Diabo, como também o apresentam como um ser espiritual, extremamente poderoso. Jesus se refere ao Diabo como sendo seu inimigo e pai da mentira. (João 8:44). A questão que nos traz uma compreensão abrangente do Diabo concerne às suas intenções, informações que a Bíblia traz a respeito de sua origem, sua queda e sua ação contra a humanidade.

A título de exemplo, em "A Igreja do Diabo", os personagens Deus e Diabo aparecem nas obras como forças antagônicas, em um vínculo do destino humano, correspondente às retóricas particulares, cada um sendo representado pela sua Igreja. O discurso e as ações do Diabo, desclassificando, assim, o discurso clerical e exaltando os pecados, tentam eliminar totalmente a influência divina. Em seu sermão, o Diabo demonstra uma retórica semelhante à do Evangelho, contudo a argumentação é diferente, por ser contrária ao que é proposto pela cosmovisão cristã.

Torna-se paradoxal tentar compreender a Deus em Sua total plenitude através do intelecto. Um exemplo muito claro disso está evidenciado no Livro de Jó⁵, o qual apresenta uma teologia do sofrimento: pela primeira vez, o caráter e a justiça de Deus são questionados por um mortal que sofre além de suas forças. Apreendemos, então, que o confronto não se dá entre o Diabo e Jó, mas sim entre Deus e Jó, uma vez que Satanás é apenas um instrumento para realizar a vontade inalcançável de compreensão de Deus.

Nos monólogos colocados por Deus, observamos que Jó aprende que os humanos desconhecem as maneiras como Deus age sobre suas vidas, incluindo o desejo ardente de ser justificado nas mãos de um Deus bom e soberano, cujos caminhos não podem ser sondados. Deus começa, então, a lhe fazer perguntas de todas as espécies e nenhuma delas Jó sabe responder, não tem em mente as perguntas e nem suas respectivas respostas. Entre os capítulos trinta e oito e quarenta e um, são mais de trinta perguntas que Deus faz a Jó, sem que ele saiba responder a uma delas sequer. Compreendemos que a intenção de Deus é mostrar que Jó não tem condições de entender o que acontece. Tal fenômeno mostra a incapacidade humana de compreender os mistérios divinos, ainda que Deus lhe explicasse todas elas.

Dado o exposto, percebemos que “fazer logos” de Deus (conhecer racionalmente a Deus) está presente por meio de conceitos relacionados a uma tentativa de dominar a compreensão do maior mistério divino. Não há subsídio para tal compreensão, e essa impossibilidade traz consigo a incessante pergunta que norteia os céticos: “Por que eu creio?”.

A palavra *logos* (em grego: Λόγος - "palavra", "discurso" ou "razão"), conhecida em português como verbo, é um importante conceito na cristologia cristã para estabelecer a doutrina da divindade de Jesus Cristo e sua posição como Deus Filho na Santíssima Trindade. Tal declaração, feita no Credo Calcedoniano, um concílio ecumênico, realizado em Calcedônia, uma cidade da Bitínia, na Ásia Menor, levou muitos teólogos cristãos a considerar que a passagem de João 1:1 é o principal texto para sustentar a crença de que Jesus é Deus, considerando a ideia de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são apenas um. (Éfeso, 431, e calcedônia, 451).

⁵ Compreendemos Jó, figura inserida nas Escrituras judaico-cristãs como uma alegoria da fragilidade humana, em que o homem se vê numa dualidade entre o bem e o mal (Deus e Diabo), enfatizando a existência de forças antagônicas no mundo. É nesse contexto que o homem (Jó) questiona a Deus sobre os sofrimentos e mazelas que assolam tanto sua individualidade quanto a humanidade.

É nessa perspectiva que compreendermos que o conhecimento teológico é baseado na fé religiosa, existindo uma reflexão que circunda toda a discussão. Na Teologia Fundamental, ramo que se baseia em três espécies de pressuposto - a realidade da fé, a natureza da experiência humana e o papel da razão -, faz-se necessário responder preliminarmente três questões basilares quanto ao saber teológico: o surgimento da teologia; a determinação de seu conteúdo e seu autojustificar-se como conhecimento crítico da fé.

Detendo-nos ao conhecimento crítico da fé, é necessário refletir sobre uma relação de suma importância: razão e fé. Ao levantar o questionamento sobre o saber teológico da fé, apreendemos como a experiência social é indispensável nesse processo:

É isto que se percebe na experiência comum do conhecimento humano; com efeito, o saber é uma experiência originária no sujeito, mediante o qual descobre sua própria realidade como atividade pensante. Este saber primeiro e fundante é, ele mesmo, certeza, pois cada um sabe que sabe; um saber imediato, que é constituído por sua própria existência e pelo encontro com o real. Em seu movimento para fora, o saber é atacado pela dúvida que põe em crise o próprio saber: "scio me nescire". E, no entanto, este "não saber" é orientado para novas aquisições de um saber anteriormente não conhecido. Temos, portanto, um movimento com uma dupla característica: o sujeito exprime a vontade de saber, porque sabe que não sabe, mas isto corresponde a um primeiro saber que funda a certeza do próprio saber. (LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R, 1994, p. 935).

Sendo assim, ao compreender que a teologia se forma também como um conjunto de princípios de uma religião, apreendemos conseqüentemente que:

(...) o determinante para o conceito de teologia não é a religiosidade do indivíduo, mas sim a intrinsecidade da religião para a disciplina em questão. Isto significa que na teologia ocorre a auto-reflexão e autoarticulação da religião que as sustenta. Significa também que o trabalho teológico está vinculado aos conteúdos, às normas, às regras e às finalidades da própria religião. (LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R, 1994, p. 936-937).

Desse modo, através dessa discussão basilar, poderemos incorporar tais ponderações, com a devida cautela à análise textual, considerando que a Bíblia é uma fonte literária de relevância para Machado de Assis. Entenderemos, assim, como nas obras machadianas existe uma teologia às avessas: a teologia ali colocada muda o seu conteúdo doutrinário, contudo permanecem nela o mesmo procedimento e intenções das ações retóricas de conversão.

Em "Adão e Eva", por exemplo, que retrata personagens bíblicos e expressões religiosas (um paraíso terrestre, o Pentateuco, as Escrituras, Deus, Diabo, Cruz, Tinhoso, Adão e Eva, Bem e Mal, Maria de Nazaré, Gabriel, anjos), observamos o contexto religioso latente servindo como base para uma reflexão acerca da realidade. Portanto, Machado de Assis frequentemente se refere à Bíblia e à religião, como fez em suas variadas obras, abordando referências à religiosidade e à vocação eclesiástica.

Observaremos, então, no conto "A igreja do Diabo", que o narrador machadiano trata a teologia enunciada pela retórica da negação: enquanto as virtudes são apontadas no discurso da igreja de Deus como importantes questões para a salvação das almas dos seres humanos, o Diabo as lê ao contrário, através de antinomias, em uma teologia que ele constrói com ideia entusiasmada e messianicamente induzidas pelo pecado ou o avesso das palavras e princípios morais propagados pelo cristianismo. Valores como a soberba, a luxúria, a preguiça, a avareza, a ira, a gula e a inveja são proclamadas como positivos pela argumentação do Diabo. Conforme tal concepção, a venalidade, a hipocrisia, a calúnia e o desrespeito devem ocupar o espaço da vida política do indivíduo e da sociedade.

É nesse sentido, que o Diabo formula uma ética, como um conjunto de princípios morais a serem seguidos pelos discípulos, o que abrange toda a humanidade. A ética não está pautada no sentido de construção e fraternidade, mas normas de comportamento inteiramente negativas à ordem de Deus.

Em "O sermão do Diabo", existe uma reflexão acerca da consciência instaurada por uma orientação de experiência vivida, a qual tem a ver com o autoconhecimento da vida mundana. Nessa obra o autor se inspira deliberadamente nos capítulos cinco ao sete, do Evangelho de Mateus, que abrangem "O Sermão da Montanha". Em uma primeira leitura, pode-se pensar que o conto é uma cópia exata do texto evangélico, porém tratase de uma reprodução paródica, que, no que tange à Bíblia, não é um procedimento estranho às produções de Machado de Assis.

Já no conto "Adão e Eva", as reflexões teológicas e a condição humana são enfocadas de forma carnavalesca pela paródia e pela sátira menipeia, conforme a teoria de Bakhtin, filósofo e pensador russo, na obra *Problemas da poética de Dostoievsky*.

O narrador machadiano não se preocupa em observar na Bíblia a formação do cânone. Concentra-se na maneira como, inicialmente, Adão e Eva se relacionam com Deus, através da submissão, ociosidade, contemplação invertendo, portanto, a ordem do

fato bíblico, no imaginário do leitor, sem se importar com a veracidade estabelecida no contexto real de produção das Escrituras.

Guardada as proporções, veremos na análise a construção das representações teológicas às avessas e como estas se apresentam nos contos de Machado de Assis supracitados. Toda a análise estará pautada na Teologia Fundamental e na Teoria da Carnavalização de Bakhtin.

3 ANÁLISE TEXTUAL

A base teórica utilizada nessa análise partirá da noção estabelecida pela Teologia Fundamental, de René Latourelle e Rino Fisichella, apresentando também discussões acerca da Teoria da Carnavalização de Bakhtin. Antes de iniciarmos, de fato, a análise dos contos, devemos compreender a relação texto e contexto que se manifesta nos escritos literários.

A literatura, por mais que se afaste de funções materiais do cotidiano, nascem entre as palavras baseadas nos hábitos, histórias, convívio cultural e nas relações sociais. Logo, qualquer texto literário pressupõe um contexto.

É a partir de tais ponderações que a temática torna-se um grande aspecto a ser considerado no momento da leitura analítica: “A literatura se distingue, pois, pelo enfoque muito singular que ela faz da realidade humana – qualquer realidade – e isso tem que ser levado em conta no momento da leitura do texto.” (GOUVEIA, 2014, p.62).

Assim, um texto literário não consiste apenas em uma exposição de ideias. Estas podem aparecer através de personagens ou do próprio narrador. É nessa vertente que podemos começar a entender como a teologia às avessas apresenta-se nos contos machadianos.

No conto “A Igreja do Diabo”, o personagem principal (representando o mal) expõe várias ideias de sua convicção diabólica, como, por exemplo, a teoria da venalidade, a qual o Diabo defende e argumenta:

A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que

tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? (ASSIS, 1997).

Captamos o personagem defendendo uma tese, através de justificativas lógicas, no que concerne a questionar o pecado atribuído à venalidade. Portanto, nesse conto, em específico, o Diabo tenta se assemelhar a Cristo, o qual ensinava através de parábolas, evangelizando os homens a fim de conduzi-los à salvação. A verossimilhança está entrelaçada à essência humana, marcada pelo conflito entre o bem e o mal. Ao decorrer do conto, os dogmas do Diabo propagam-se pelo mundo. Contudo, com o tempo, o Diabo percebe que seus fiéis estão praticando, de forma escondida, atos de bondade, voltando aos antigos hábitos cristãos.

Observamos que Machado relê a realidade da sua época, mas também esboça caracteres mais universais do ser humano, como facilmente corruptível e sujeito às influências malignas ou de qualquer espécie. Nesse cenário, o Diabo é a personificação do mal e o caminho para a corrupção:

Só agora conclui uma observação, começada desde alguns séculos e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura... (ASSIS, 1997, p. 370).

O Diabo machadiano verifica que em todo o mundo já se espalham atitudes bondosas. Sem compreender o que havia acontecido, Deus o consola com uma frase complacente, a propósito de uma alegoria: “– Que queres, tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.”. (ASSIS, 1997, p.374).

Conforme os teólogos Latourelle e Fisichella: “(...) O sujeito portador verdadeiro e próprio da teologia é, antes, a igreja em sentido amplo, como povo neotestamentário de Deus, que é em si uma realidade vital complexa e muito articulada”. (1994), percebemos como o Diabo caminha para fundar sua própria igreja, seguindo convicções contrárias à teologia judaico-cristã, porém bradando discursos, cosmovisão própria e fazendo promessas muito bem estruturadas para seus fiéis. É dessa maneira que se funda, constrói e consolida uma Igreja.

No conto “Adão e Eva”, as reflexões teológicas e sobre a condição humana são estimuladas pela carnavalização e pela paródia. Vejamos, então, como esses aspectos funcionam dentro do texto.

A carnavalização, ligada ao riso e à paródia, conforme afirma Bakhtin, é um conjunto de festejos que inverte a ordem normal dos acontecimentos. No conto, que a subversão da ordem se dá quando o narrador inverte o ensinamento cristão sobre a criação do mundo: o Diabo criou o mundo, e não Deus. Assim, ocorre uma inversão de hierarquia em que o sagrado e o profano se misturam. Observamos que o juiz-de-fora afirma que a história da criação do mundo não ocorre conforme é relatado no primeiro livro do Pentateuco. Percebamos, dessa forma, a aproximação de elementos opostos: sagrado e profano, trevas e luz, por exemplo.

No que concerne à paródia, segundo Oliveira (2010), trata-se de uma maneira da linguagem que provoca uma deformação no texto, apresentando um caráter contestador, podendo ser descontínua. Assim sendo, o narrador machadiano faz uso da paródia para desviar-se da seriedade do texto bíblico. Através do humor e com pessimismo, mas sem dizer que o mundo é totalmente mau, desenvolve sua narrativa e permite que o leitor reflita “teologicamente” (FUCHIGAMI, 2017).

Outros aspectos misturam-se com a paródia e o humor, como o cinismo que se dá, por exemplo, com a fala do juiz-de-fora, o qual comenta: “(...) creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma coisa primorosa.” (ASSIS, 1997).

Ao desviar a vida do cotidiano, em um almoço em que os comensais aguardam a sobremesa, o narrador coloca os personagens diante de conceitos que são, através da desenvoltura da escrita machadiana, “profanados”, fazendo-nos criticamente refletir sobre diversas temáticas. (FUCHIGAMI, 2017).

O conto “A igreja do diabo” é dividido em quatro capítulos. No capítulo “De uma ideia mirífica”, vemos o Diabo, sentir-se humilhado, obtendo uma ideia admirável: fundar uma igreja. A consequência da criação dessa Igreja faria com que todas as religiões fossem extintas.

É no terceiro capítulo, “A boa nova aos homens”, que o Diabo coloca em prática a ideia de fundar sua igreja rapidamente, com “uma doutrina nova e extraordinária”. Ele conta a todos que é o Diabo, prometendo dar a “seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos.”. A partir de então, as virtudes são outras, “(...)

naturais e legítimas”. A soberba, a luxúria, a preguiça, a avareza, a ira, a gula e a inveja se tornam as virtudes mais valiosas e importantes. Além disso, fez com que todos prefiram ações perversas, como, por exemplo, a fraude e a força, que se tornam os braços dos homens (alicerce social). As promessas, nesse contexto, consistem em um dos valores invertidos no conto.

Observando os detalhes da eclesialidade dessa teologia às avessas, percebemos como ela se dá de maneira muito eficaz no discurso do Diabo. A Teologia judaico-cristã afirma:

Se a teologia é fundamentalmente definida como uma função da igreja, há que prestar sobretudo atenção ao significado do termo “igreja”. Há um uso linguístico em que “igreja” significa simplesmente apenas o ministério eclesiástico ou a hierarquia. (LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R, 1994, p. 937).

Logo, observamos que o personagem subverte também esse termo linguístico, colocando em prática o seu próprio ministério eclesiástico, com seus valores e virtudes.

Torna-se nítido que o narrador objetiva afirmar que a contradição e a transgressão são partes inerentes do ser humano. Por meio do Diabo, afirma-se que é por causa do preço alto a ser pago, ou seja, para fazer parte da Igreja de Deus, é necessário reprimir todos os desejos íntimos e pouco revelados. O Diabo conclui que isso não é o ideal a que aspira a maioria das pessoas: os que almejam as coisas do alto, são os mesmos que se corrompem na própria jornada.

Ainda observando o conceito de Igreja e suas nuances, percebemos que, em “O Sermão do Diabo”, o discurso é crucial para a criação do mundo e é pregado de forma inversa ao cristianismo. O ministério do Diabo inicia com a pregação de uma doutrina criada que propaga e dissemina a crença de um mundo criado não por Deus, e sim pelas forças do mal. A retórica é semelhante à do Evangelho, contudo a argumentação é extremamente diferente, por ser contrária ao que é estabelecido pelo discurso judaicocristão:

Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos. (...) Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas. (ASSIS, 1997, p 647).

Há um *logos* que se estrutura a partir de uma sucessão de fatos na narrativa: a lei de Deus *versus* lei do Diabo. Mais uma vez, o homem se encontra em contradições extremas, como a utilização da linguagem e da retórica para a manipulação de conceitos. Um desses procedimentos é criar a convicção do falso como verdadeiro, tornando naturais persuasões desse tipo.

Além dessas questões morais, fundamentadas na dessemelhança com o excerto bíblico, o narrador diabólico ainda se destaca por uma problemática estética: o fim da narrativa tradicional do Sermão, como parte das transformações artísticas que acontecem a partir do final do século XIX, num contexto de subversões políticas e até mesmo teológicas.

Para a análise de “Adão e Eva”, comecemos por observar como o relato bíblico se inicia: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo” (Gênesis 1:1-2). No conto, tal informação não é mencionada, tendendo o texto a ser bem objetivo, direto e claro.

Vale lembrar que a narrativa bíblica possui a pretensão de que a realidade relatada constitui como uma verdade absoluta. Já conto machadiano, o narrador pretende tornar o texto o mais convincente possível, no que concerne ao discurso, às promessas e à cosmogonia do início dos tempos. Verificamos que o Diabo faz a terra, as ervas e os vegetais. Seu poder, todavia, é refutável por causa de imperfeições: os vegetais não florescem. Nesse caso, é Deus que aprimora a criação, através das árvores frutíferas e ervas verdes.

No Gênesis, Deus criou a terra, o mar, as ervas e as árvores: “E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca. (...) E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas Mares. (...) E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore que dê fruto segundo a sua espécie” (Gênesis 1, 9-11).

Quanto à imagem e semelhança do homem em relação a Deus, o conto machadiano conserva a ideia do texto original, porém fazendo uma pequena modificação: o Diabo faz os homens “sem alma” (ASSIS, 1997, p. 526) e com “ruins instintos” (ASSIS, 1997, p. 526). Entretanto, eles não eram horríveis, como seria presumível, mas “belos” (ASSIS, 1997, p. 526). Apreendemos que tal interpretação é contrária à tradição cristã, que sempre associa a falta de alma e os instintos ruins ao feio ou grotesco, que não

são atributos da divindade. Ao rebaixar a concepção do homem, tal cosmovisão se estabelece de maneira totalmente avessa aos valores fundamentais do cristianismo.

Ao analisarmos os estudos de Bakhtin, identificamos que “O discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (de textos) em que se lê, pelo menos, um outro discurso (texto)”. (Idem, p. 84). Percebemos como tal recurso estético é proposital no que tange a subverter uma narrativa em prol de desenvolver uma outra história com enredo e efeitos contrários.

No final do conto “O Sermão do Diabo”, o trecho que foi utilizado como fonte consiste na Parábola da Casa Edificada na Rocha, presente tanto no livro de Mateus quanto no livro de Lucas, no Novo Testamento: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as observa, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.". (Mateus 7:24).

As parábolas são instrumentos que transmitem ensinamentos e é feita por meio de comparações, explanações de fatos e de elementos tradicionais à época em que são escritas, ligadas, principalmente, à moral e a sabedoria. Portanto, são muito utilizadas no contexto religioso com o objetivo de transmitir valores éticos. O conteúdo presente nessa parábola se transforma em uma parte do sermão do “Diabo”, fundindo tais gêneros (parábola e sermão) e conteúdos presentes na narrativa judaico-cristã, com um único objetivo: subverter através do enunciado o discurso religioso:

Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios... (ASSIS, 1997, p. 648).

Observemos, então, que o narrador machadiano traz o excerto para o âmbito do conto, a fim de afirmar que todos aqueles que ouvirem atentamente como pessoas sábias os ensinamentos, edificarão sua casa sobre a rocha, isto é, um alicerce firme que é o próprio Diabo. É interpretando e analisando os elementos presentes na obra bíblica, que compreendemos como cada enunciado consiste em um elo muito complexo de outros enunciados.

Há outra ocasião em que isso ocorre, no que concerne à cosmovisão:

Quero justamente o contrário. Há no jardim uma árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal; eles não devem tocar nela, nem comer-lhe os frutos. Vai, entra, enrosca-te na árvore, e quando um deles ali passar,

chama-o de mansinho, tira uma fruta e oferece-lhe, dizendo que é a mais saborosa fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás, dizendo que é bastante comê-la para conhecer o próprio segredo da vida. (ASSIS, 1997, p 527).

Podemos apreender que o narrador se apropria do contexto bíblico, a fim de colocar no enredo um aspecto semelhante ao das Escrituras:

(...) a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (Gênesis 3:1-6).

Com uma narração de detalhes diferentes, mas com uma única interpretação, percebemos que a serpente insiste que Eva coma do fruto em ambos os contextos, sendo isso totalmente contrário ao que Deus ordena. “O próprio segredo da vida” consiste em comer o fruto e abrir os olhos, conhecer o Bem e o Mal. As nuances sutis presentes nos contos causam um certo conforto ao leitor que, de imediato, associa tal passagem ao evento bíblico.

Por intermédio da literatura, a qual não tem como objetivo estabelecer verdades únicas e imutáveis, observamos também que as relações humanas não são harmoniosas: o Tinhoso tem inveja da bondade e felicidade do casal Adão e Eva, a serpente odeia o casal que, no texto machadiano, obedece a Deus. Contudo, sabemos que o texto bíblico narra o contrário: Adão e Eva desobedecem a Deus e o ser humano é condenado.

Não obstante, ao escrever em seu conto que o casal obedece a Deus, o narrador machadiano desconstrói a história da origem do mundo para nos mostrar que, mesmo que tenha ocorrido a desobediência à ordem divina, é agradável estarmos vivos, saboreando o doce de dona Leonor, mesmo que a vida signifique uma mistura de sentimentos negativos como dor, sofrimento, mágoa e frustração, afirma Fuchigami (2017).

Analisando o conto “A Igreja do Diabo”, percebemos como o narrador mostra a importância de que toda ideia necessita de um paradigma para se firmar no âmbito social. Nesse caso, isso se dá através da contrariedade a todas as normas pré-estabelecidas:

- Vá, pois, uma igreja, concluiu ele, Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo. (ASSIS, 1997).

Desse modo, uma igreja como a citada, seria alvo de um conjunto de pessoas que pensam ideias contrárias àquelas pregadas pelo cristianismo. O modo que o Diabo encontra para realizar seu objetivo é por meio da negação: ao criar tudo à imagem e semelhança do catolicismo, mas sob o viés da contradição. Porém, se analisarmos a retomada da ideia de organização de seu reino, percebemos as alusões feitas por ele à Igreja Divina.

Bakhtin afirma que “As palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários”. (2003, p. 309). É nesse sentido que a ideia organizacional do reino diabólico se estrutura através de um enunciado concreto já citado e mencionado nas Escrituras bíblicas, porém invertido no conto.

É nesse contexto que o Diabo quer ter sua própria missa com vinho, pão, situação que se baseia no jejum cristão, à celebração do corpo e sangue de Cristo. Ele faz referências bíblicas como a da “tenda de Abraão” e busca criar uma religião única e suprema, que terá uma unidade verdadeira.

A partir disso, podemos dizer que a relação entre Deus e o Diabo, presente no conto machadiano, é uma forma de manifestação das máscaras presentes em nossa sociedade. Os aspectos inversos assumidos no conto, e explicitados na narrativa, são a comprovação do fato de que o ser humano, que é essencialmente contraditório, insatisfeito consigo próprio, busca no outro a conquista de sua felicidade: é Deus e, ao mesmo tempo, o Diabo, ao passo que tem a face do bem, também se corrompendo, obtendo a face do mal.

Para ilustrar a face e o comportamento humano eminente na literatura machadiana, Bosi diz que:

“Chegando mais perto dos textos vê-se que a vida em sociedade, segunda natureza do corpo, na medida em que exige máscaras, vira também irreversivelmente máscara universal. A sua lei, não podendo

ser a da verdade subjetiva recalçada, será a da máscara comum exposta e generalizada.” (BOSI, 2000, p.86).

Nesse sentido, podemos afirmar que Deus e o Diabo constituem o reflexo do próprio homem. Identificar-se com o Diabo consiste em se reconhecer como um ser humano de múltiplas faces, sendo alguém que não é totalmente bom, nem totalmente ruim. O reflexo de cada indivíduo na sociedade consiste em uma máscara comum a todos que estão expostos às relações e convívios sociais, sendo corruptíveis ou não a hábitos, a uma ética e a uma moral estabelecida.

Também encontramos, em diversos autores, análises e críticas acerca dos contos machadianos. A revista *Teresa*, da Universidade de São Paulo, editou um número duplo (6/7) com uma parte dedicada exclusivamente a contos de Machado de Assis, expondo visões e comentários acerca da tessitura dos enredos, personagens e linguagem presentes em sua escrita.

O tópico "Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis", de Paul Dixon, fala sobre a questão da caracterização e construção dos personagens em suas obras. Segundo o crítico americano as declarações teóricas machadianas são amplamente consistentes e mostram um compromisso com uma veracidade psicológica, analisando aspectos da sociedade e da mente humana, de maneira bem articulada, utilizando de artifícios literários, a fim de fazer os leitores refletirem criticamente acerca de tais assuntos.

É dessa maneira, que a influência da escola realista se manifesta em Machado de Assis através de um método de caracterização diferente das práticas comuns de criar indivíduos (personagens) verossímeis: o interesse de Machado, principalmente nos contos, é de forma mais relacional e consiste em construir personalidades universais na sociedade, sempre em perspectivas contrastantes, afirma Dixon.

Nesse texto, o autor explana acerca do conto "A Igreja do Diabo", e o chama de conto teórico, o qual "o valor da verossimilhança não é dos mais importantes", pois os personagens tornam-se mais receptáculos de conceitos do que pessoas reais – é nessa perspectiva que Dixon percebe que a linguagem machadiana, ao construir narrativas e personagens contrastantes, coloca a dicotomia como um instrumento literário de grande valor. As perspectivas e modelos opostos que o autor cria nos personagens, por exemplo,

Deus e Diabo, são de características iguais ou complementares, equilibrando a construção da narrativa ao passo que se contrasta e subverte ideias e conceitos judaico-cristãos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos têm dentro de si um pouco de cada lado (bem e mal), criando-se, assim, a forma completa do ser humano, formando a sociedade e suas peculiaridades. Ambos querem triunfar e querem ser reconhecidos: o Diabo quer ser Deus, ter uma igreja, com vinho, cálice e fiéis; e Deus quer ser triunfante.

Portanto, dadas as proposições acerca dos contos machadianos e uma teologia às avessas, podemos afirmar que Machado de Assis é singular na Literatura Brasileira, adaptando a clássica língua portuguesa com o intuito de tratar dos mais diversos assuntos pertinentes ao homem universal, mas sem desprezar as peculiaridades históricas, incorporando elementos que eternizaram suas obras como vivas e atemporais.

No presente estudo, adentramos em uma teologia contrária, analisando os efeitos da religiosidade no corpo social e como essa temática abre discussões para outros assuntos de viés sociológico, filosófico, histórico e político. Ao analisar as promessas, os discursos e as cosmovisões presentes nos contos de Machados de Assis e nas narrativas do cristianismo, percebemos como o escritor carioca utiliza o recurso da contradição para nos fazer refletir criticamente sobre a condição humana.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Volume de contos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

_____; **Obra Completa**. V. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____; **Obra Completa**. V. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____; **Contos**. São Paulo: Ática, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____; VOLOCHINOV, Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____; **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada NVI**. Nova Versão Internacional [traduzida pela comissão de tradução da sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo, 1993, 2000.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003.

Biblioteca Mundial. **Cânones dos concílios**. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/item/7065/>. Acessado em: 10 dez. 2019.

CASA NOVA, Vera. **O sermão do Diabo: o avesso da narrativa**. O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira – UFMG, 2008.

DIXON, PAUL. **Modelos em movimento**: os contos de Machado de Assis. Teresa (USP), v. 6/7, p. 185-206, 2006.

AMARAL, Emília... [et al.]. **Novas palavras: 2º ano**. 2. Ed. – São Paulo: FTD, 2013.

FUCHIGAMI, Ivna Maia. **O conto Adão e Eva, de Machado de Assis, numa correlação com a definição**, de Paul Tillich da Bíblia. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

GALVÃO, Antônio Mesquita. **As promessas de Jesus**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/3266124>. Acessado em: 09 fev. 2020.

GOUVEIA, Arturo. **Teoria Da Literatura**: Fundamentos sobre a natureza da Literatura e das Categorias Narrativas, João Pessoa: Editoria da UFPB, v. 3, 2014.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa** – 4. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Trad. Luíz João Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994.

OLIVEIRA, D. S. **Considerações sobre a paródia bíblica da criação do mundo no conto machadiano “Adão e Eva”**. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/19>. Acessado em: 27 fev. 2020.

PROENÇA, P. S. **Literatura, Bíblia e Teologia: Machado de Assis em foco**. Teologia e Sociedade, São Paulo, v. 9, 2012.

_____; **Amável formalidade: a religião em Machado de Assis**. Revista Moara – Edição 48 – ago - dez 2017.

SOUZA, Antonio. **GÊNERO LITERÁRIO 2 Sermão ou homilia**. Blog IC FAMA – A Iniciação Científica da FAMA na Web, 2013.